

terra, mas não chovia, e do outro lado das chaminés via-se de repente em meio ao inverno marinho a torre do farol em viagem, altíssima, navegando em direção à Villa S. Giovanni.

“Não há queijo como o nosso”, eu disse.

Todos os sicilianos, em pé, tinham-se voltado ao parapeito do convés para olhar a cidade, e também as mulheres sentadas em sacos viraram o rosto para olhar. Mas ninguém se deslocava até a área coberta a fim de preparar-se para o desembarque: ainda tinha tempo! Eu sabia que do farol ao cais iam bem uns quinze minutos, ou mais.

“Não há queijo como o nosso”, falei.

E enquanto eu acabava de comer, o homem da mulher-menina abaixou-se outra vez, ou melhor, ajoelhou-se, tinha um cesto aos pés e, observado por ela, começou a mexer nas laterais do cesto. Este vinha coberto por um pedaço de encerado costurado nas bordas por um barbante, e o homem, lentamente, afrouxou um pouco o barbante, enfiou a mão por baixo do encerado e tirou uma laranja.





Não era grande, nem muito bonita, nem de boa cor, mas era uma laranja e, silenciosamente, sem se levantar, ofereceu-a à mulher-menina. A menina olhou para mim, vi seus olhos por dentro do capuz do xale e depois a vi sacudir a cabeça.

O pequeno siciliano mostrava-se desesperado e continuava ajoelhado, uma mão no bolso, a laranja na outra. Levantou-se e assim permaneceu, com o vento que lhe sacudia a pala ensopada do boné contra seu nariz, a laranja na mão, queimado pelo frio no pequeno corpo sem agasalho, e desesperado, enquanto a prumo debaixo de nós passavam, na manhã de chuva, o mar e a cidade.

“Messina”, disse em tom de lamento uma mulher; e foi uma palavra dita sem razão; somente uma espécie de queixa; e eu observava o pequeno siciliano da mulher-menina descascar desesperadamente a laranja, e desesperadamente comê-la, com raiva e frenesi, sem nenhuma vontade, e sem mastigar, engolindo e como que amaldiçoando, os dedos banhados no suco, no frio, meio curvado ao vento, a pala do boné ensopado batendo contra o nariz.

“Um siciliano nunca come de manhã”, ele disse de repente. Acrescentou: “E você, é americano?”.

Falava com desespero e, no entanto, suavemente, como sempre tinha sido delicado mesmo no desespero do descascar a laranja e no de comê-la. As últimas três palavras disse excitado, num tom de estridente tensão, como se de qualquer maneira lhe fosse necessário, para sua paz de espírito, saber-me americano.

“Sim”, eu disse, ao me aperceber disso. “Sou americano. Sou há quinze anos.”

Desta vez ele sorriu ao me ver, no entanto estava desesperado, com as mãos nos bolsos, no frio, no vento, mas sorriu, com a boca, debaixo da pala de pano que lhe cobria metade do rosto.

“Tenho primos na América”, disse. “Um tio e primos...”

“Ah, é?”, eu disse. “Em que lugar? Em Nova York ou na Argentina?”

“Não sei”, ele respondeu. “Talvez em Nova York. Talvez na Argentina. Na América.”

Assim falou e acrescentou: “E você, de que parte é?”.

“Eu?”, eu disse. “Nasci em Siracusa...”

E ele disse: “Não... De que parte da América é?”.

“De... De Nova York”, eu disse.

Por um momento ficamos calados, eu por causa dessa mentira, olhando-o, e ele me olhando, com os olhos escondidos debaixo da pala do boné.

Depois, quase ternamente, perguntou:

“Como vai em Nova York? Vai bem?”.

“Lá não se fica rico”, respondi.

“É isso o que importa?”, ele disse. “Se pode estar bem sem ficar rico... Assim é melhor...”

“Sabe lá!”, eu disse. “Lá também tem desemprego.”

“E que importa o desemprego?”, ele disse. “Não é sempre que o desemprego causa dano... Não é isso... Não sou desempregado, eu.”

Indicou os outros pequenos sicilianos ao redor.

“Nenhum de nós está desempregado. Trabalhamos... Nos laranjais... Trabalhamos.”

E parou, mudou de voz e prosseguiu:

“O senhor voltou por causa do desemprego?”.

“Não”, eu disse. “Vim por alguns dias.”



“É isso aí”, ele disse. “E come de manhã... Um italiano nunca come de manhã.”

E perguntou: “E lá na América, todos comem de manhã?”.

Eu poderia ter dito que não, e que também eu, normalmente, não comia pela manhã, e que conhecia muita gente que talvez não comesse mais de uma vez por dia, e que em todo o mundo era a mesma coisa etc., mas não podia falar mal de uma América em que nunca estive, e que, afinal, não era nem mesmo a América, nada de atual, de efetivo, mas uma idéia que ele fazia de um reino dos céus na Terra. Não podia. Não seria justo.

“Creio que sim”, respondi. “De um jeito ou de outro...”

“E ao meio-dia?”, ele perguntou agora. “Todos comem, ao meio-dia, na América?”

“Creio que sim”, eu disse. “De um jeito ou de outro...”

“E à noite?”, ele disse. “Todos comem, à noite, lá na América?”

“Creio que sim”, eu disse. “Bem ou mal...”

“Pão?”, ele disse. “Pão e queijo? Pão e verdura? Pão e carne?”

Era com esperança que me falava e eu não podia mais dizer-lhe não.

“Sim”, disse. “Pão e outras coisas.”

E ele, o pequeno siciliano, ficou silencioso algum tempo, na esperança, depois olhou a mulher-menina aos seus pés, que estava sentada imóvel, sombria, toda coberta, em cima de um saco, e começou a desesperar-se, e desesperadamente, como antes a bordo, abaixou-se e afrouxou um pouco o barbante do cesto, tirou uma laranja, e desesperadamente ofereceu-a, ainda curvado sobre as pernas dobradas, para a mulher e, após sua muda recusa, ficou desesperadamente humilhado com a laranja na mão, e começou a descascá-la para si, e a comê-la, ele, engolindo como se engolisse maldições.





“Comem elas na salada”, eu disse. “Nós aqui.”

“Na América?”, perguntou o siciliano.

“Não”, eu disse, “nós aqui”.

“Aqui na nossa terra?”, perguntou o siciliano. “Na salada com azeite?”



“Sim, com azeite”, eu disse. “E um dente de alho, e sal...”

“E com pão?”, disse o siciliano.

“Certo”, eu respondi. “Com pão. Era assim que eu comia, sempre há quinze anos, quando eu era rapaz...”

“Ah, comia, é?”, disse o siciliano. “Também vivia bem então, você, não é?”

“Assim, assim”, respondi.

E continuei: “E você, nunca comeu laranja na salada?”.

“Sim, algumas vezes”, disse o siciliano. “Mas nem sempre tem azeite.”

“Pois é”, eu disse. “Nem sempre o ano vai bem... Então o azeite pode ficar caro.”

“E nem sempre se tem pão”, disse o siciliano. “Se não se vendem as laranjas não há pão. E se tem que comer as laranjas... É assim, entende?”

E desesperadamente comia sua laranja, molhando os dedos, no frio, de sumo de laranja, olhando a seus pés a mulher-menina que não queria laranjas.

“Mas são muito nutritivas”, eu disse. “Pode me vender alguma?”

O pequeno siciliano acabou de engolir, limpou as mãos no casaco.

“De verdade?”, exclamou. E curvou-se sobre o cesto, remexeu lá dentro, sob o encerado, e me passou quatro, cinco, seis laranjas.

“Mas por quê?”, perguntei. “É tão difícil vender as laranjas?”

“Não se vende”, ele disse. “Ninguém as quer.”

Nesse meio tempo, o trem estava pronto, aumentado com os vagões que haviam atravessado o mar.



“Lá fora não as querem”, continuou o pequeno siciliano. “Como se tivessem agrotóxico. As nossas laranjas. E o patrão nos paga assim: nos dá as laranjas... E nós não sabemos o que fazer. Ninguém as quer. Vamos a Messina a pé e ninguém as quer... Vamos ver se as querem em Reggio, em Villa S. Giovanni, e não as querem. Ninguém as quer.”

Estrilou o apito do chefe da estação, a locomotiva apitou.

“Ninguém as quer... Andamos para frente, para trás, pagamos a viagem para nós e para elas, não comemos pão, e ninguém as quer... Ninguém as quer.”

O trem se pôs em marcha, subi numa portinhola.

“Adeus, Adeus!”

“Ninguém as quer... Como se tivessem agrotóxico... Malditas laranjas.”

